

A VIDA PASSADA A LIMPO¹

Hamilton Pereira (Pedro Tierra)²

Os nomes. Muitos nomes trago comigo. Impressos na acidentada cartografia que percorri. Impressos na pele, na alma. Os companheiros todos, dos anos de chumbo (Carlos Marighella, Luiz José da Cunha, Yuri Xavier Pereira, Alexandre Vannucchi Leme, Ana Maria Ncionovic, Aurora Furtado, Gastone Beltrão Antonio Carlos Bicalho Lana, José Porfírio, Geraldo Marques, Alaor Figueiredo, Honestino Guimarães, tantos...) e da árdua construção da sociedade democrática que conduzimos há 30 anos, Lula, José Dirceu, José Genoíno – a quem, juntamente com outros companheiros, recebi com 40° de febre provocada pela malária retornando de uma sala de tortura no PIC (Pelotão de Investigações Criminais) – Setor Militar Urbano, em Brasília, em 1972 –, Chico Mendes, Nativo da Natividade, Adão Preto, Margarida Alves, Dorcelina Folador, Josimo Tavares, Sebastião Rosa da Paz...

Os que me acolheram na reconstrução da vida e dos laços com minha gente: Tomás Balduino, Pedro Casaldáliga, José Maria Pires, Cândido Padim, Moacir Grecchi, José Gomes, Hélder Câmara, Paulo Evaristo, Ivo Lorscheiter, Aloísio Lorscheider, Luciano Mendes, Valdir Calheiros, Antônio Fragoso, Fernando Gomes, José Brandão, José Rodrigues, Alano Pena, Celso Pereira, Renzo Rossi, penso que em quinhentos anos de história a Igreja Católica não havia produzido no Brasil uma geração brilhante de bispos tão profundamente comprometidos com as esperanças dos oprimidos. Eles dialogaram com o continente por meio das formulações da Teologia da Libertação com seus irmãos Gustavo Gutierrez (Lima, Peru), Leônidas Proaño (Riobamba, Equador), Silva Henriquez (Santiago do Chile), Mendez Arceo (Cuernavaca, México), Oscar Arnulfo Romero (El Salvador)...

Os que me ensinaram a voz e a palavra com que hoje me dirijo a vocês: Drummond, Bandeira, Cabral, Vinicius, Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Adélia, Murilo Mendes, Patativa do Assaré, Quintana, Acenso Ferreira, Octávio Paz, Ruben Dario, José Martí, Arguedas, Scorza, Garcia Marquez, Benedetto, Carpentier, Vallejo, Icaza, Neruda, Victor Jara, Sábato, Cortázar, Borges, Alberti, Lorca, René Char, Jaime Pintor, Whitmann, tantos...

Os que me amaram: Sabino e Ana, os pais, Ana Terra, Alexandre, Francisco e sua mãe, Maria Cristina. Os irmãos e irmãs, os que estão aqui e os que já não estão aqui.

Os amigos, tantos que vieram aqui trazer o abraço.

Minha companheira Juliana, que há dez anos partilha comigo o amor e as atribulações desta vida de poeta e militante e Sophia, que apenas amanhece...

A PALAVRA E O GESTO

(A POESIA COMO AÇÃO REVOLUCIONÁRIA)

*“A Revolução que acalentamos na juventude, faltou.
A vida não. A vida não falta.
E não há nada mais revolucionário que a vida”³*

Esses versos, talvez, possam exprimir a trajetória de uma geração. Poderiam espelhar um momento em que a humanidade, em diferentes latitudes, concentra sua indignação e suas esperanças e expressa da forma mais explosiva seu inconformismo pela garganta dos jovens. Aqueles que sonharam um dia assaltar os céus, ocuparam, turbulentos, as ruas do mundo e estamparam em cores agressivas, sobre as paredes cinzentas das cidades: *“A imaginação no poder”⁴*.

Não me refiro aqui aos recentes acontecimentos que mobilizaram multidões, produziram certo desconforto aos donos do capital financeiro, depuseram governos pela via do voto ou por rupturas institucionais em diferentes partes do mundo: no norte da África, na Europa, em Wall Street, na Praça Tahir ou na Avenida Paulista durante as jornadas de junho⁵. Refiro-me a esse rio subterrâneo que percorre de uma geração a outra, a história da humanidade e nos leva a lutar contra a tirania explícita das armas e contra a tirania implícita da exploração do capital. Esse rio subterrâneo que ignora a solidez da rocha, dos privilégios, do conservadorismo e faz de nós uma espécie permanentemente condenada à Liberdade.

Nasci numa pequena cidade do Brasil profundo. Onde as crianças conversavam pelas estrelas com os ausentes. Uma pequena cidade com janelas mirando o Rio Tocantins: Porto Nacional. A culpa fica por conta de Maria Lopes, a parteira, a quem todos chamavam de Mãe Velha e morreu fulminada por um relâmpago. Nasci miúdo, mas vinguei... Depois de desafiar as regras básicas da vida (os mais fortes sobrevivem...), passei a desafiar as regras do mundo: vivi em seminários católicos e prisões. Nos seminários quando não tinha o uso da razão. Nas prisões quando adquiri...

Sétimo filho de um casal de retirantes expulsos do Piauí, nos anos 30 do século passado. Expulsos pela seca e pela cerca. Marcharam em busca de terra e trabalho. Ele, Sabino contara três meses de escola. Ela, Ana, era a letrada do casal. Tivera a oportunidade de frequentar seis meses de escola: o dobro. Escrevia as cartas que ele ditava oferecendo aos parentes e conhecidos que ficaram: *“aqui, no norte do Goiás tem dois assuntos que aí não tem: chuva e terra livre”*. Dezenas de famílias percorreram o mesmo caminho durante a

década de cinquenta. Parte do vasto processo de deslocamentos de população que marcou aquele período na vida de um país que se voltava sobre si mesmo e redefinia seu projeto de desenvolvimento: o Brasil deixava então de ser apenas um país atlântico e mergulhava nas solidões dos cerrados, para gerar novos polos propulsores de uma economia que aspirava industrializar-se: a aventura da construção de Brasília, inaugurada no 21 de abril de 1960, é parte fundamental da materialização desse projeto modernizador.

Quatro anos depois. A nação brasileira despertou dividida na manhã de 1o de abril de 1964. Uma manhã que anoioteceria o país por 21 anos. Ouvimos atentos ao rádio que anunciava em sucessivas edições extraordinárias: o governo do presidente João Goulart fora deposto por um Golpe de Estado desferido pelas Forças Armadas. Apoiadas por setores sociais conservadores dentro e fora do Congresso Nacional, pela hierarquia da Igreja Católica e pelos proprietários dos grandes meios de comunicação que se opunham às Reformas de Base. Reformas defendidas por sindicatos e associações de trabalhadores, pelas Ligas Camponesas, movimentos estudantis, intelectuais e artísticos e amplos setores populares do país.

Os golpistas desencadearam violenta repressão contra entidades sindicais e populares, incendiaram a sede da União Nacional dos Estudantes (UNE), romperam o Estado de Direito estabelecido pela Constituição de 1946. O presidente da República, João Goulart, legitimamente eleito, foi forçado a exilar-se. Os generais e seus aliados civis usurparam o poder, violaram a Constituição e atribuíram-se a legitimidade da boca dos canhões. O que significaram esses fatos para uma pequena cidade perdida no Brasil profundo? Para aquela parcela do país – o Estado de Goiás – o Golpe de Abril significou o retorno a 1930. A oligarquia Caiado retornava ao controle do Estado 34 anos depois, com a deposição do governador eleito Mauro Borges e a intervenção federal a cargo do coronel Meira Matos. A ditadura militar significaria, sobretudo, medo. A presença do Estado como força permanente de coação sobre a sociedade.

O alicerce fundador de todo ato de criação é a Liberdade. Essa razão nos permite entender porque entre as primeiras manifestações de rebeldia contra o regime dos generais se encontravam os protestos dos artistas, particularmente do teatro, que sentiam desde os primeiros momentos o guante da censura. Um dos primeiros espetáculos que exprimiram o inconformismo diante da tirania chamou-se precisamente: “*Liberdade, Liberdade!*” Uma antologia de textos magnificamente organizada e montada por Flávio Rangel e Millor Fernandes⁶. Abria-se desde ali o tenso e longo conflito entre a criação cultural como expressão dos sonhos e esperanças de um povo que mal se preparava para encontrar-se com a modernidade urbana, de um lado; e a força bruta do aparelho repressivo movido por uma elite que não se despedira de suas heranças escravocratas e

patrimonialistas, de outro. O golpe de 1º de abril é o fato político e social que condensa simbólica e materialmente esse conflito. Que resultaria naquilo que Celso Furtado formulou como a “*a construção interrompida*”⁷.

Talvez aqui se defina uma escolha de vida que trabalhará, permanentemente, duas dimensões: a dignidade da Política como expressão mais elevada da construção dos destinos coletivos e a invenção da poesia (ou do verso) como projeção das utopias humanas.

A Oficina Transparente

I.

Escrever e refletir permanentemente sobre o exercício de escrever. Para não sucumbir apenas ao impulso individual, à imperiosa necessidade de expor sentimentos, percepções, olhares sobre o aparente ordenamento da vida. Para capturar o que lhe escapa. O que lhe dá movimento: o que produz espanto, esse elemento essencial que a define, que desorganiza o vivido na tarde de ontem. Pensar – e escrever – a poesia como expressão de algo para além do lírico, para além do exato limite da pele. Pensá-la – e escrevê-la – como uma oficina que se mostra. Que expõe suas engrenagens, seus maquinismos de engendrar encantamentos. Ou talvez, a inquietação das ferramentas ávidas por decifrar os enigmas que a aventura humana nos propõe, pelo deliberado exercício de transgredir: a poesia se despe, para cobrir-se de silêncios; se desvela para guardar seus mistérios e seduzir. Urbanizou-se. Deixou de ser a secreta atividade de magos, bruxos, doidos mansos, delirantes que a cultivavam na sombra dos ocasos, para vestir-se de água e transparência. E inocular em nós a febre intermitente da fascinação.

Muitos foram seduzidos por ela. Escreveram versos n’água. E naufragaram. Outros imitaram encantadores de serpentes. Afastaram-se para o deserto. Mortificaram-se, munidos de secretos silícios, para que deles tivesse pena. Jejuaram, ataram um turbante sobre a cabeça, tocaram flautas de ossos enterrados para encantá-la e foram, num relâmpago, picados por ela: passaram a vida meio verdes, meio trastes, meio delirantes “*envenenados pela beleza*”.

Alguns antigos ofereceram a ela seus amores e seus exílios e foram recompensados. Fundaram essa fascinação que produzem os exílios, as solidões, desde que Ovídio morreu no “*Ponto Euxínio*” desterrado pelo irrevogável ódio de um deus: o Imperador Augusto. Vêm sendo lidos há mais de 20 séculos. Filha da alegria, como os homens, a poesia é fascinada pela dor e pela tragédia. Outros emprestaram a ela sua pluma, depois suas mãos, mais tarde a infância que se perdeu e desejavam recobrar, por fim, entregaram-lhe os ermos do peito. Escravos, por ela arrastavam-se no chão, na areia, onde só escreviam quando determinavam seus caprichos. Ela vestia-se de ventos e,

com um sopro imperceptível, dissipava-lhes os versos para a esterilidade das cinzas. Houve os carpinteiros, essas criaturas concentradas que a talhavam em madeira e memória. Cortavam-lhe a carne, lixavam os ossos, sopravam a poeira, poliam para submetê-la a um desenho prévio. Ela fugia deles convertendo-se na impalpável matéria do arco-íris.

Houve os garimpeiros de aluvião, contemplados pela mão da fortuna com uma gema solitária. Depois só puderam oferecer o cascalho cego aos olhos dos indiferentes. E os ourives, aqueles joalheiros minuciosos que tecem volutas em torno do silêncio e dos vazios. Que buscam a vida inteira a perfeição e o brilho e colhem a fria matéria que a alma abandonou. E os que a enterraram como uma semente. Amanharam a terra e leram os sutis sinais das estações. Aprenderam a humildade de esperar a explosão da planta e a lenta maturação das espigas. Mas vieram os salteadores e não puderam reparti-la como um pão para a aflita boca dos famintos.

Tanta intimidade alcançaram alguns, que levaram-na a marchar em comícios, greves, manifestações de massa. Lá estava ela cantando, se divertindo a correr da polícia ou a gritar palavras de ordem, sem grande convicção. A responder inquéritos em tempos de tirania. Esvaía-se no ar com a mesma rapidez com que se dispersava a multidão... e restava o vazio da rua recapturada pelo silêncio.

Houve os arrogantes. Os que a brandiam como uma arma. Vladimir Maiakóvski determinava:

*“Eu
à poesia
só permito uma forma:
concisão
das fórmulas
matemáticas.”*

(Citado por Boris Schnaiderman in “A Poética de Maiakóvski”⁸).

Quiseram filia-la ao Partido. Discipliná-la, fazê-la cumprir as resoluções do Comitê Central e as metas do Plano Quinquenal. Com uma ponta de malícia, ela converteu-lhes os versos em relatórios sobre o aumento da produção socialista ou em surrados sermões exilados de toda beleza. Os melhores, os que recusaram a palavra morta e insistiram em buscar a palavra viva, porque condenados a ela, acabaram suicidas, como Serguei Iessiênin a quem Maiakovski dedicou, em 1926, um poema que traduz o espírito da Revolução e da busca⁹:

*“O tempo é escasso –
mãos à obra.
Primeiro*

*é preciso
transformar a vida,
para cantá-la –
em seguida.”*

E, sem adivinhar seu próprio destino, no olho da tormenta, exprimia da melhor maneira o estreito laço entre a poesia e os contraditórios códigos da vida, para concluir com esses versos definitivos:

*“Nesta vida
morrer não é difícil.
O difícil
é a vida e seu ofício.”*

Diferentemente de Serguei Iessiênin, Maiakovski não encontrou um outro Maiakovski para cantá-lo quando a vida se tornou tão insuportável e chegou sua vez de capturar a poesia pela porta da morte, quatro anos depois¹⁰.

II.

Falar de poesia, falar de revolução nos exige refletir sobre sua contra-face: o poder. Há séculos temos sido alfabetizados pelo silêncio. O poder se reservou o exercício da palavra. Mais, o poder se reservou o monopólio da palavra. De tal modo que, por fim, o poder se fez palavra. E a palavra se fez poder sobre o silêncio dos vencidos.

Durante anos, na sombra, manejavamos a palavra nas praças, nas ruas, nos ônibus, dentro das nossas casas, nos encontros fortuitos entre os perseguidos, sob os olhos vigilantes do poder. Com a língua saboreávamos, dávamos um brilho novo a cada palavra, desvendávamos sons sutis e nossas histórias ou as cantigas de roda dos nossos filhos sabiam um sotaque próprio, particular, para dizer as esperanças e as angústias gerais. Depois, o poder interpôs entre nós, no centro da sala, a sua imagem. E nos calamos todos para mirar, hipnotizados, a imagem do poder. Para ouvir o monólogo do poder. Nos rendemos à palavra do poder. Como um édito outorgado.

Na lida diária para reproduzir-se, porém, o poder esgota as palavras. Mata as palavras por dentro à força de repeti-las, e segue repetindo o cadáver das palavras ante os nossos ouvidos anestesiados. Aqui se insurge a poesia. Para cumprir seu papel essencial de transgredir e, ao transgredir, criar novas possibilidades para a língua, (*E talvez para a vida*). Aqui ela se justifica diante da Revolução pela permanente ruptura que realiza na própria medula do idioma; porque desorganiza o idioma como instrumento do poder; porque liberta a expressão dos oprimidos. (Octávio Paz, “A outra voz”¹¹)

III.

Entre nós há os que, com o passar dos anos, foram incorporados pelo discurso do poder. E, como se ainda fossem dos nossos, como se não tivessem mudado de lado, nos ministram lições diárias de maturidade, de equilíbrio... Em nome de objetivos maiores, em nome da modernidade, da estabilidade, da contemporaneidade, vão erigindo um labirinto verbal para ocultar o gesto de rendição. Entendemos... e damos de cara com eles a conjugar o verbo do poder.

Há os que se rebelam, recusam-se a mudar de lado, rejeitam o embrutecimento e o cinismo. Mas ensaiam um discurso antigo, pesado, e não escapam da gramática do poder. Não se dão conta dos anos todos de silêncio. Não se apercebem que os dicionários foram submetidos. E repetem fatalmente o cadáver das palavras que o poder lhes depositou na garganta.

Há ainda os que se levantam contra os dicionários do poder e buscam, em vão, reinventar o idioma poético. Libertadas uma a uma e dispostas assim sobre o papel, as palavras endurecem como seixos, cristais, alguns diamantes raros. Recusam a luz com pretendem banhá-las e riem distantes, cerradas, esquivas, dos seus garimpeiros-poetas.

Não alcançamos no Brasil o verso novo. Nosso verso ainda vai assim, desconjuntado, buscando sua medida. Nas páginas literárias, nas salas universitárias, nas rodas pós-utópicas... Poucos se atrevem a mergulhar nesse rio de rimas e ritmos, esse que passa ao largo dos dicionários recolhidos à ordem unida do poder. Esse que sendo o mesmo nunca é igual. Esse onde nunca nos banhamos duas vezes: o idioma poético do povo.

IV.

Há algum tempo aceitei um convite pouco usual nos dias que correm. Falar para jovens sobre dois temas aparentemente fora da preocupação de todos eles: poesia e revolução. Fui duplamente surpreendido. Pelo convite e pelo interesse dos participantes. Discutimos durante um tempo razoável, sobre poesia, política e história do Brasil, numa demonstração de que se enganam aqueles [que] apostam na alienação da juventude. Reproduzo aqui algumas das reflexões que expus naquela noite, a respeito de poesia e poder.

A poesia, como afirmei há pouco, urbanizou-se. Fez-se uma senhora enigmática, repleta de adereços semióticos, informáticos. Segundo consta, para iludir a vigilância do poder. Ou mesmo para renovar-se, adquirir uma outra face pós-moderna, pós-concreta, pós-utópica. Pós-poética?

A poesia urbanizou-se, como o país. Não temos tempo, nem chão para cultivar lamentos. Desprende-se, a poesia, da viola sertaneja. Deixou atrás de si luas antigas, já minguentes, que de resto não lhe seriam de grande uti-

lidade sob o céu e a fuligem das grandes cidades. Mas não vestiu o macacão dos operários. Diferentemente do mergulho na aridez do sertão que João Cabral nos ofereceu em 1955 com *“Morte e vida Severina”*, o auto de natal mais pungente escrito em língua portuguesa, que expõe como a matriz de uma xilogravura cavada a canivete na madeira, os passos do retirante *Severino* em direção ao mar, não conseguimos fazer a poesia meter-se pelas fábricas, tocar os tornos, teares, prensas, testemunhar a sujeição dos operários nas linhas de montagem, dançar ao ritmo das máquinas ou cuspir sua indignação. Só nos últimos anos ela veio esculpindo contra o silêncio áspero da exclusão, o verso que grita a bruta vida dos bairros pobres:

*Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal,
por menos de um real,
minha chance era pouca.
Mas se eu fosse aquele moleque de touca,
que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca...*
(Mano Brown)¹²

Estou convencido de que a nova medida poética, essa que resultará do trabalho e da sensibilidade dos poetas, letrados ou não, que souberem mergulhar naquele rio inesgotável, não fale mais apenas das palavras e volte a sucumbir às armadilhas do poder. E possamos produzir, por fim, em diálogo com o que exigia Maiakovski no meio da grande ruptura cultural da Revolução de Outubro: *“Sem forma revolucionária, não há poesia revolucionária!”*¹³ possamos dizer para a sociedade infantilizada do século XXI: *sem conteúdo revolucionário, não há poesia revolucionária...*

Os militantes, os poetas, os poetas-militantes, os poetas solidários e os poetas solitários – de que falava Tristão de Athayde – que ainda guardam no peito a antiga virtude da indignação, estão convidados a por em verso, aquilo que foi e, quem sabe, aquilo que será gesto, sonho, marcha, esperança, rebeldia de uma sociedade que sacode os fundamentos do sistema de exploração do trabalho e opressão da liberdade humana.

Aqui se apresenta um desafio à criação estética nas diferentes linguagens – a poesia entre elas – para recriar e refletir no plano simbólico a experiência da sociedade brasileira durante os anos de chumbo, para lembrar a expressão de Jacob Gorender¹⁴. Qualquer leitura que fizermos da ditadura Vargas não poderá prescindir da indispensável referência às *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos¹⁵: um testemunho de que a grande literatura vai para além do relato dos historiadores, dos economistas, dos cientistas sociais, ao capturar o sentido simbólico – e por isso mesmo permanente – dos dramas de uma sociedade em convulsão.

Permitam-me uma reflexão pessoal – precária – um cristal que talvez contribua para lançar alguma luz sobre os momentos trágicos que vivemos no país, trinta anos depois, na década dos setenta. Será inevitavelmente o olhar de quem percebe os fatos políticos a partir da experiência diretamente vivida e pelas frestas que a criação literária permite em tempos como aqueles.

Nasci pela segunda vez, no cárcere. O Poeta Pedro Tierra foi gestado clandestinamente e parido dentro de uma cela para que fosse **O Outro** – aquele incumbido de por em palavra a dor devorada pelo silêncio dos quartéis, dos porões, dos presídios. Aquele encarregado de repartir esperanças como um pão luminoso entre os sobreviventes.

“Perdemos a noção do tempo”.

Esse é o primeiro verso do primeiro livro: *“Poemas do Povo da Noite”*¹⁶. A primeira versão do poema foi escrita em outubro de 1974, na Penitenciária do Carandiru (SP), quando eu já cumprira o segundo ano de prisão. Antes fora rabiscada em pedaços de papel de cigarro, em letra miúda, ou memorizada para escapar das revistas constantes feitas nas celas do 10º Batalhão de Caçadores – 10º BC, em Goiânia, do PIC, no Setor Militar Urbano, em Brasília, da Operação Bandeirantes (DOI-Codi) do II Exército, do Dops, do Presídio do Hipódromo ou da Casa de Detenção de São Paulo. E não exatamente porque os carcereiros cultivassem especial interesse pela poesia...

“Perdemos a noção do tempo”.

É possível perceber o tempo de várias formas. Quinze anos depois dos acontecimentos narrados nos *“Poemas do Povo da Noite”*, um general confortavelmente instalado em sua poltrona de reformado, diria numa entrevista em que contava reminiscências sobre sua participação em interrogatórios de prisioneiros políticos, durante os anos do regime militar, a seguinte frase: *“O primeiro objetivo do interrogador é fazer com que o interrogado **perca a noção do tempo**”*. Impressionou-me a coincidência dos termos. Assim começam a ruir as defesas dos prisioneiros. O método consistia, além da brutalidade dos espancamentos, dos choques elétricos, do pau-de-arara, da Cadeira do Dragão, em oferecer a comida – intragável – em horários diferentes, sem nunca repetir o mesmo ciclo; acordar altas horas da madrugada, quem passara os dias anteriores sem saber distinguir o dia da noite, encerrado numa cela sem luz; enfiar a cabeça do prisioneiro num capuz para que não fosse capaz de compor uma ideia clara sobre os espaços por onde era conduzido; chamá-lo para interrogatório e devolvê-lo para a cela sem nenhuma pergunta; destruir metodicamente todas as referências, todos os laços com a realidade que antes o cercava para deixá-lo inteiramente vulnerável. No século XX, um século em que mais do que em qualquer época da história a ciência foi posta de forma monstruosa a serviço da dor e da morte, é necessário registrar que o general tinha razão, e mais, que alcançou seu objetivo.

Naqueles primeiros dias, o prisioneiro vê o tempo como arrimo, amparo, um muro, enfim, que o protege na batalha em que é lançado nu diante do desconhecido. Cada instante que passa é um tijolo no abrigo construído para defender o que resta de sua remota humanidade devorada pela tortura e pelo medo. Se o tempo, porém, é um muro que o protege, também é o lobo que o sitia. O medo desumaniza. Impõe a cegueira do reflexo e do instinto. Cava até chegar aos ossos. Liberta o animal que pulsa sob o verniz da razão. Coragem não é ausência de medo, é quando a razão ao medo se sobrepõe e devolve ao prisioneiro num lampejo brusco aquela esperança contra toda esperança: o torturador pode me matar, mas não pode me vencer porque minha morte é minha vitória sobre sua força. O tempo então se converte no fio que mede os limites de sua resistência à dor. Os limites da lealdade às suas convicções e aos companheiros que, por uma palavra que lhe escape, podem perder a liberdade e, naquelas circunstâncias, frequentemente, a vida.

É daquele momento o poema “*Testemunha*”. Escrito em 1973, ainda na Oban – DOI-Codi do 2o Exército. Uma desesperada e talvez inútil tentativa de capturar o Tempo e não sucumbir à loucura:

Testemunha

17h00

Meus olhos não anoitecem e sei: / não era esse o corpo que usavas / para caminhar entre os homens. / Tua carne é apenas tua dor.

19h30

Com os dedos da memória / vigio: / a cabeça cortada em pedaços / de negro e relâmpago / pelas agulhas dos dinamos. / Os dentes cariados do algoz / trituram o grito dos teus ossos.

23h00

Durante séculos enterrados / meus olhos não se fecharam. / Um gosto de vidros estilhaçados / risca a garganta e a alma. / Sinto, na sombra, o brilho dos punhais / a percorrer o corpo, / devastado território / de madeiras em fúria.

03h00

Como um cego de olhos eternos, / a quem as facas do Tempo / arrancaram o véu das pálpebras / vigio: pasto de tempestades, / tua carne extingue a brasa dos cigarros / num lago de sangue / e cinzas...

05h45

A garganta dos corredores / devora tua vida: / fardo de sobressaltos. / Meu peito não se cerrou. / Sobrevivente, / aqui te recebo: / bagaço devolvido / pelas oficinas da morte. / Sinto crescer o coração no peito, / fogueira ardendo em madeira antiga, / poema indeciso a desatar-se / da alma inconsútil do teu silêncio.

Quando alguém me pergunta por que foi escrito um poema como *Testemunha*, respondo: não há uma razão previamente pensada. *Testemunha* e

seus irmãos, contidos no primeiro e segundo livros¹⁷, foram escritos como um gesto de sobrevivência. Porque minha vida não seria possível, tal como aconteceu, se eles não fossem escritos. Há um outro sentido que percorre a medula desses poemas, desde a epígrafe de *Babeuf* que abre o primeiro livro: “*Há os que vivem lamentando a opressão, eu morrerei denunciando-a*”.

V.

A Dignidade da Política

Compreender não significa negar o ultrajante, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalizações tais que se deixa de sentir o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa antes examinar e suportar conscientemente o fardo que os acontecimentos colocaram sobre nós – sem negar sua existência nem vergar humildemente ao seu peso, como se tudo o que de fato ocorreu não pudesse ter acontecido de outra forma. Compreender significa, em suma, encarar a realidade espontânea e atentamente, e resistir a ela – qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido. (Hannah Arendt, in “As Origens do Totalitarismo”¹⁸).

A democracia brasileira deve a si mesma esse exercício de “*compreender*” a que se refere Hannah Arendt, como condição para consolidar o país como nação civilizada. E incorporar os anos de treva, com as perseguições e a brutalidade, a delação, o medo, a tortura, os assassinatos, os desaparecimentos, o exílio, o rosário de horrores perpetrados pelo Estado ditatorial à exata dimensão histórica que lhes cabe: uma realidade incontestável e irrecusável que deitará sua sombra sobre a face futura do Brasil, até que seja resgatada.

Falamos do Tempo e da sua percepção. Falemos um pouco do espaço. Não do espaço abstrato como o fazem os físicos e os matemáticos, esses poetas da exatidão. Mas do espaço afetivo: do lugar. A Poesia, se é inimiga do tempo – seu juiz – tem apego ao lugar. “*A poesia é a Memória feita imagem e esta convertida em voz. A outra voz não é a voz do além túmulo: é do homem que está dormindo no fundo de cada homem*”¹⁹, ensina Octávio Paz, o grande poeta e pensador mexicano. A imagem necessita do espaço para estabelecer seu contorno. Por isso os poetas, criaturas cujo ofício é engendrar imagens impossíveis, são inseparáveis do lugar. Por onde andam levam a paisagem nos bolsos. Quando a paisagem lhes escapa, cantam para recobrá-la como Gonçalves Dias na *Canção do Exílio*. Não se pode compreender a poesia e a vida de Federico Garcia Lorca sem a paisagem de Córdoba, Sevilha, Granada... sua Granada, onde foi fuzilado pelas falanges de Franco, antes de completar 40 anos. Lorca sempre transportou no verso e no peito os sons e a paisagem da Andaluzia. Os poetas contemporâneos se veem diante de um problema que as gerações anteriores não conheciam ou apenas alguns poetas intuía: a produção da paisagem. Venho dos cerrados. Venho de rios.

Dois rios. Separados. Irmãos. Araguaia, a quem o Karajá chama Berokã, renda de águas derramadas, labirinto de lagoas e o Tocantins, sisudo, afeito a pedras, cascalhos, corredeiras. Perseguem ambos, um norte comum. Não se conversam, diz o mapa, durante quase mil quilômetros. Mas desenham juntos uma mesopotâmia coberta de carrascos, cerrados, cocais. Pobre e bela. De impossível transparência²⁰.

Venho, como disse, dos Cerrados. A paisagem que os brasileiros mais modificaram nos últimos cinquenta anos.

Carvoeiros

I.

O cerrado prefigura o carvão?

*O capim agreste quando não se acende pelas coivaras do sol,
guarda estoques de queimadas para empregar nas secas futuras.*

A secreta ciência dos bichos adverte: ali emã não bota ovo.

– *O Cerrado sabe seus atalhos...*

*A promessa de vida que no ovo lateja,
o trabalho de vida que no ovo lateja,
o disparo de vida interrompido no ovo
adia a vida que pulsa nos seus guardados:
a vida sabe,*

a vida se esquiva para prosseguir.

Asa astúcias da vida inventam umidades para derrotar os ministérios do fogo?

Quem saberá? O cerrado é celeiro de águas: nascentes.

O cerrado prepara o deserto?

Será o caminho entre o areal e a floresta?

Ou, ao contrário, é passagem entre a floresta e o pó?

O cerrado é a multiplicação,

as infinitas diferenças:

o labor paciente do mel e das frutas e seus ácidos.

O cerrado incorpora o trabalho dos ventos,

das águas exiladas,

sacudidas do lombo

pelas forças primitivas da terra.

*O cerrado é assim: desigual.
O trabalho dos homens organiza o cerrado.
Organiza desertos transgênicos de soja.
Desertos verdes de soja,
desertos secos de soja,
desertos...*

II.

*O carvão dos cerrados
desorganiza o alento dos homens.
A respiração sob a fuligem,
envenena a infância dos homens: sangra.
Sufoca.
Aterra na cinza a promessa do voo.*

*Os olhos desses meninos libertam,
sob a fuligem, fagulhas
de arrastar entre os fornos
os ossos da infância.*

*As linhas das mãos humanas prefiguram
o deserto?
Contemplo as mãos do carvoeiro.
Ásperas. Negras. Anotecidas pela jornada.
Empunharam durante o dia as sementes do sol
presas nas tochas, nas bocas dos fornos.*

*Agora que se vai o sol, sitiado pela extensa escuridão dos cerrados,
as tochas são sementes de um sol extinto
trabalhando celeiros de noite e de carvão.
Conhecerão algum dia,
essas mãos pesadas sobre a mesa
o surdo poder que carregam: a possibilidade do deserto?*

III.

*O forno figura um ovo.
Um ovo de terra úmida:
barro arredondado
pelas mãos do carvoeiro.*

*Um ovo que arde na fumaça.
Um ovo grávido de morte:*

*devora a lenha dos homens,
a vida dos homens,
os sonhos dos homens,
os homens...*

*O carvoeiro faz o forno.
O forno refaz o carvoeiro.
Assalta sua pele, os olhos, a medula:
o carvoeiro sonha sonhos de carvão.*

*O carvoeiro faz o forno.
O forno refaz o carvoeiro.
Multiplica-o em cada forno novo:
ovo onde a morte lateja.*

*O carvoeiro quando mira o gato contratador,
seus olhos padecem de desterros.
Recriam os primitivos territórios da vida avulsa,
de onde veio e atinam por um instante:
a distância é a mãe dos submissos.
As mãos estendidas para recolher o vale
que prolonga sua servidão
sabem de êxodos e algemas:
os braços adquirem a feição escura dos machados.*

IV.

*O lingote de aço
contem no seu fogo
a paisagem que devorou?*

*O lingote não oferece,
antes esconde dos meus olhos,
a paisagem devastada.*

*A usina se nutre
dos ossos dos cerrados
e dos sonhos escassos dos homens.*

*A usina converte em aço,
a paisagem e em cinzas,
o coração dos homens.*

*O lingote é o filho aceso
da usina que oculta no seu fogo
a lógica do deserto*¹.

Esse exercício busca contribuir com o esforço de compreender nosso próprio rosto e as linhas de nossas mãos por meio dessa invenção humana irreduzível ao racionalismo burguês e que, ao longo dos séculos, se manifesta em permanente estado de rebelião: a poesia. Hoje, testemunhamos tragédias ecológicas em diferentes lugares do país. Nas grandes metrópoles ou nos grandes vazios que o latifúndio produziu, como aqui nos cerrados, onde a agressão ao ambiente se associa a uma brutal exploração dos trabalhadores.

Encerro aqui um dos itinerários possíveis dessas lembranças e reflexões dobre o ofício de escrever num país em transe, e sobre esse misterioso *jogo de armar impossibilidades: a poesia*. Exatamente por ser esse jogo do impossível, ela não se separa do sonho humano, da humana *utopia*. São irmãs. Ambas esculpidas na matéria do vôo. Manoel de Barros, um velho e fascinante bruxo do Pantanal – hoje o mais importante poeta para a reinvenção da língua portuguesa, em atividade no Brasil – a definiu assim num verso magnífico do livro *Arranjos Para Assobio – Poesia: Espécie de réstia espantada que sai pelas frinchas de um homem*²². Há alguns dias alguém lembrou numa página as palavras do uruguaio Eduardo Galeano – uma espécie de testemunha viva da trajetória do Continente – sobre para que serve a utopia: “*Se damos dois passos, ela se afasta dois passos. Se damos dez passos ela se afasta dez. Então para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar*”²³. Outra coisa não somos senão construtores do impossível. Por isso, insistimos:

*Nessa hora de cinzas e sonhos devastados,
recolher nas mãos aquela estrela
que entre as dobras da sombra se revela
e acender a metade humana que combate
e combatendo recria
apaixonadamente
a utopia*²⁴.

NOTAS

¹ Palestra proferida por ocasião da outorga do título de Doutor Honoris Causa ao autor pela Universidade Católica de Brasília. Brasília, 20 de novembro de 2013.

² Escritor, poeta, ex-presos político da ditadura. Participou da fundação do PT, da CUT e do MST. Compõe atualmente o Conselho Curador da Fundação Perseu Abramo. Como poeta, utiliza o pseudônimo de Pedro Tierra. Possui nove livros publicados, entre eles, *Poemas do povo da noite publicado pela Editora Fundação Perseu Abramo*. [N. E.]

³ TIERRA, Pedro. IN: *Fundação Perseu Abramo. Projeto Memória e História*. Partido dos Trabalhadores: Trajetórias. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. Contracapa.

⁴ Se refere à expressão “Imagination au pouvoir”, popularizada em meio aos protestos dos jovens mobilizados em maio de 1968, na França. [N. E.]

⁵ Remete à ampla mobilização social ocorrida em junho de 2013 em diversas cidades do país, iniciadas em razão do aumento das tarifas do transporte público. [N. E.]

⁶ “*Liberdade, Liberdade*”, espetáculo teatral de protesto, com autoria de Flávio Rangel e Millôr Fernandes, estreou no dia 21 de abril de 1965, no Rio de Janeiro, numa produção do Grupo Opinião e do Teatro de Arena de São Paulo. [N. E.]

⁷ FURTADO, C. *Brasil – A construção interrompida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

⁸ SCHNAIDERMAN, Boris. *A poética de Maiakóvski*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984, p. 25.

⁹ SCHNAIDERMAN, Boris. *Maiakovski – Poemas*. 9ª Edição. Tradução de Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

¹⁰ O poema “A Serguei Iessienin” foi escrito por Maiakovski em 1925, em resposta ao poema suicida deixado por Serguei Iessienin. Cinco anos depois, em 1930, Maiakovski também comete suicídio, deixando um poema com suas considerações. [N. E.]

¹¹ PAZ, Octavio. *A outra voz*. São Paulo: Editora Siciliano, 1993.

¹² Escrita por Edy Rock, Ice Blue e Mano Brown. Lançada no Disco *Sobrevivendo no Inferno*, 1997 Racionais MC’s.

¹³ CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

¹⁴ GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

¹⁵ RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. São Paulo: Editora Record, 1984.

¹⁶ TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. Editora Fundação Perseu Abramo; São Paulo: Publisher Brasil, 2009, p. 33.

¹⁷ TIERRA, Pedro. *Op. cit.*, 2009. p. 184.

¹⁸ ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. Anti-Semitismo, Imperialismo, Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁹ PAZ, Octavio. *Op. cit.*

²⁰ TIERRA, Pedro. *O porto submerso*. Pedro Tierra. Brasília, 2005. p. 27.

²¹ Idem, p. 74-77

²² BARROS, Manoel. *Arranjos Para Assobio*. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1982.

²³ GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994.

²⁴ Última estrofe do Poema VI “Nesta hora de cinzas...”, dedicado a Apolônio de Carvalho no livro “A Estrela Imperfeita” de Pedro Terra, ainda não publicado.